



**NILMA FERNANDES DO AMARAL SANTOS
KLAUS SCHLUNZEN JÚNIOR**



**A CRIANÇA COM
TRANSTORNO
DO ESPECTRO
AUTISTA
NA ESCOLA**

**Contribuições para o
trabalho do professor**





**NILMA FERNANDES DO AMARAL SANTOS
KLAUS SCHLUNZEN JÚNIOR**

A CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA

**Contribuições para o
trabalho do professor**

Recurso Educacional apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – Profei, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Inclusiva.

Ficha catalográfica elaborada pela Seção Técnica de Aquisição e Tratamento da Informação - Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação - Unesp, Campus de Presidente Prudente

S237c Santos, Nilma Fernandes do Amaral.
A criança com Transtorno do Espectro Autista na escola : contribuições para o trabalho do professor / Nilma Fernandes do Amaral Santos, Klaus Schlünzen Junior. - Presidente Prudente, 2024
42 p. : il.

Produto que acompanha a dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (Profei) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

1. Educação inclusiva. 2. Transtorno do Espectro Autista. 3. Escolarização. I. Schlünzen Junior, Klaus. II. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. III. Título.

Alessandra Kuba Oshiro Assunção
CRB-8/9013

SANTOS, Nilma Fernandes do Amaral. *A criança com Transtorno do Espectro Autista na Escola*: contribuições para o trabalho do professor. Orientador: Dr. Klaus Schlünzen Júnior. 2024. 40 p. **Dissertação** (Mestrado Profissional em Educação Inclusiva – Profei), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente, 2024.



FICHA TÉCNICA

Origem

Recurso Educacional: E-book como desdobramento da dissertação A criança com Transtorno do Espectro Autista na escola: contribuições para o trabalho do professor desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional – PROFEI, da Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Área do conhecimento

Educação Inclusiva para pessoas com deficiência.

Categoria

Educação Inclusiva; Transtorno do Espectro Autista;

Finalidade

Contribuir com o processo de educação inclusiva de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

Avaliação / validação

Este Recurso Educacional foi avaliado por professores da banca de qualificação de defesa da autora.

Disponibilidade

Irrestrita, de acordo com a licença abaixo.

LICENÇA



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional.

Para conhecer essa licença acesse:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

SUMÁRIO

8 O que é Transtorno do Espectro Autista (TEA)

PARA INICIAR... 10

10 Conhecer a criança, sua história, sua família e se for o caso também, os profissionais que a atendem em outros espaços, assim como a agenda de atendimentos clínicos especializados

16 História social como preparação para chegada à nova escola

19 Observação atenta nos primeiros dias e nos subsequentes

20 Propostas mediadoras com uso de imagem (quadros de rotina, preparação de materiais, sequência de ações e pranchas de comunicação)

27 **Proposições para a turma que recebe a criança com TEA (rodas de conversa e bibliografia sobre a temática voltada ao público infantil)**

31 **As vivências sensoriais**

38 **Mediações acerca da interação da criança com TEA e os demais sujeitos da escola**

39 **Para a elaboração de conhecimentos científicos considerar o interesse, o motivo e as aprendizagens prévias**

PARA NÃO FINALIZAR... 41

REFERÊNCIAS 42

SOBRE OS AUTORES 43




O

objetivo deste trabalho é apresentar o recurso educacional desenvolvido durante o estudo do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva pela Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Trata-se da proposta de um documento orientador com possíveis contribuições ao trabalho do professor voltado para compreensões teórico-práticas que possam favorecer a inclusão da criança com TEA no Ensino Fundamental. Importa esclarecer que, muitas ações sugeridas precisarão ser articuladas pelo coletivo de profissionais da instituição, via projeto político pedagógico, portanto não é de responsabilidade exclusiva do professor. No entanto, para escrita de um documento buscou-se como interlocutor um sujeito e nesse caso, decidiu-se pelo professor.


Esperamos respeitosamente, contribuir com seu trabalho, ilustre professor!

Atenciosamente,

Nilma Fernandes do Amaral Santos



O QUE É
TRANSTORNO DO
ESPECTRO
AUTISTA
(TEA) ?



A palavra autismo tem uma etimologia grega “autos” que significa “si mesmo” diferente de “outro”, ou seja, é uma condição em que a pessoa está voltada para si mesma ou imersa em si. O Transtorno do Espectro Autista é caracterizado por um déficit persistente na comunicação e interação social, podendo apresentar estereotípias e comportamentos repetitivos e rígidos (Apa, 2014). Mas, para além do diagnóstico clínico, importa compreendermos que cada sujeito é único e irá manifestar as características do transtorno à sua maneira, por isso a ideia de espectro. Importa ainda esclarecer que, para a Educação, precisaremos realizar uma avaliação pedagógica com vistas à identificar as barreiras de aprendizagem, as quais não são individuais, mas coletivas e do contexto escolar.



PARA INICIAR...

As proposições se iniciam com a intenção de conhecer melhor a criança com TEA, para, a partir de suas especificidades e potencialidades, promover seu acesso e suas permanência, participação e aprendizagem na escola.

1. Conhecer a criança, sua história, sua família e se for o caso também, os profissionais que a atendem em outros espaços, assim como a agenda de atendimentos clínicos especializados

Todo ser humano é singular e, no caso da criança com TEA, não é diferente. Nessa direção, entendemos que conhecer as crianças favorece a compreensão das razões de algumas manifestações e, por isso, a importância do professor realizar uma escuta sensível e atenta. No caso das crianças com pouca comunicação verbal ou presença de ecolalias¹, o movimento de escuta deve ser ampliado aos familiares e profissionais que a atendem em outros contextos. Ferreira (2018) concorda com essa troca entre os profissionais e acrescenta que os

1 Segundo Kanner, ecolalias (fala em eco) são repetições verbais que podem ocorrer imediatamente ou pouco tempo após o modelo, ou ainda, após um tempo significativamente maior de sua produção, sendo denominadas respectivamente como ecolalia imediata ou tardia (Kanner, 1943).

profissionais da área da saúde conscientizem-se que, a dinâmica da escola é distinta da que ocorre no consultório. Afinal, na escola há a presença de outros alunos que também necessitam da atenção e do investimento do professor. É importante reconhecer as expectativas da família em relação à frequência da criança na instituição e se será necessário preparar o ambiente para atendê-la de maneira segura. Pelo exposto, apresentamos um questionário, que também pode servir de referência para uma entrevista.

Será necessário que, ao fazer a matrícula da criança, a escola assegure tempo hábil para realizar o preenchimento do questionário e/ou da realização da entrevista com a família. Nessa mesma oportunidade, deverá ser explicada a importância de a família preparar a criança para o início das atividades escolares, realizando a previsibilidade do que irá acontecer, informando que ela irá para a escola, ou ficará em uma nova sala, com outros colegas e professores. Sendo assim, apresenta-se uma orientação que sugere o uso de “história social” para ocasiões como estas e outras similares, tal como veremos na próxima sessão.



QUESTIONÁRIO OU ENTREVISTA

NORTEADORA PARA O DIÁLOGO COM

AS FAMÍLIAS DAS CRIANÇAS

DADOS PESSOAIS DA CRIANÇA

1. Nome da criança
2. Nome do (a) responsável que irá responder e parentesco com a criança:
3. Data de Nascimento da criança:...../...../.....
4. Naturalidade:
5. Endereço:
.....
6. A criança é declarada:
() Branca () Parda () Preta () Amarela () Indígena

ESPECIFICIDADES DA CRIANÇA

7. A criança frequenta:
() Praças () Clube () Cinema
() Feiras () Shopping () Áreas Rurais
() Mostra Culturais () Teatro
() Outros. Quais?
8. Quais são as brincadeiras/brinquedos/atividades de preferência da criança?
9. A criança tem acesso a Internet? Em qual aparelho? O que costuma fazer?.....
10. A criança gosta de desenhar?
() Sim () Não
Se a resposta anterior for sim, o que costuma desenhar? Quais materiais ela utiliza para desenhar?

11. Quais assuntos (curiosidades) são mais apresentados pela criança?
A criança frequenta:
- () Notícias () Desenhos Animados () Conteúdos da escola
() Histórias criadas pela imaginação () Contos
() Jogos () Conteúdos da Internet
() Outro:
12. A criança gosta de música? Qual (is)?
13. Qual (is) vídeos a criança gosta? Ou Há algum que ela não consegue assistir?

OUTRAS QUESTÕES

14. Qual o diagnóstico da criança?
15. Como foi o processo de diagnóstico?
16. Quais situações podem acontecer com a criança e que merecem maior atenção dos profissionais da escola?
17. O que a criança consegue fazer sozinha, considerando as atividades de vida diária?
18. Quais as expectativas da família e/ou da criança para o acesso e permanência na escola durante o ano letivo?
19. Quem acompanhará a criança na vida escolar?
20. O que a criança mais gosta de fazer na escola?
21. A criança tem reação de medo/rejeição a algum comportamento, situação ou objeto?
22. A criança tem objeto de apego? Como costuma usá-lo?

23. A criança tem dificuldade para estabelecer contato visual? Discorra a respeito:.....
.....

24. A criança apresenta movimentos repetitivos? Quais? Em quais situações?
.....

25. Em relação às questões sensoriais:

a) Como é a alimentação da criança? O que ela prefere? Há algum alimento ou característica que provoca reação de recusa?.....
.....

b) A criança tem o hábito de levar objetos à boca? Busca mastigar ou ranger os dentes em alguma situação?.....
.....

c) Como é o sono da criança? A qualidade do sono dela costuma interferir nas manifestações durante o dia?.....
.....

d) Que cheiros ou aromas chamam a atenção da criança?
.....

e) A criança apresenta irritabilidade com algum barulho ou som? Como ela reage na presença de sons diferentes?.....
.....

f) A criança usa de recursos de comunicação alternativa? Ou quais objetos costumam ser identificados por ela para saber de atividades e acontecimentos?
.....

g) Como a criança reage quando alguma sensação a incomoda? Ou que manifestações antecedem situações de crise ou desorganização do comportamento?.....
.....

h) Quais as ações ou propostas que costumam ajudar a criança a se acalmar?
.....

- i) A criança tem restrição ao toque, abraço, pegar no cabelo ou outro tipo de contato físico?.....
- j) A criança toma algum medicamento contínuo? Para qual prescrição? Em quais horários?
- 26. Como a criança reage em situações de mudança de rotina? Quais ações ajudam a mediar esse processo?
- 27 Vamos registrar quais os atendimentos psicopedagógicos, clínicos/ médicos que a criança realiza.

Nome	
Especialidade do profissional	
Quais dias e horários	
Telefone para contato	

Agora, é importante registrar a agenda da criança para reconhecer as atividades em seus dias, ajudando a interpretar se é um dia mais cansativo e se isso interfere em suas manifestações na escola.

Segunda-feira	
Terça-feira	
Quarta-feira	
Quinta-feira	
Sexta-feira	

- 28. Outras observações importantes:.....
-
-
-
-
-



2. **História social como preparação para chegada à nova escola**

Segundo Lazzarini e Elias (2022), Histórias Sociais (Social Stories™) são histórias curtas e individualizadas que podem ser usadas para ajudar pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) na interpretação e na compreensão de situações sociais difíceis, confusas, novas ou diferentes das que acontecem em ambientes já definidos, ou seja, inclusive a casa. Sendo assim, ao considerar que a criança começará a frequentar uma nova escola, pode-se construir um livreto contendo uma história social com fotos e frases.

A Figura 01 apresenta um modelo utilizado pela autora, em busca por previsibilidade nos dias iniciais de frequência de seu filho na nova escola. O objetivo é ler a história para a criança como atividade que antecede sua chegada à escola. Importa dizer aos professores que, às vezes, analisamos uma sugestão e nem sempre acreditamos em seu potencial para mediar situações novas que as crianças vivenciarão. Inicialmente isso também ocorreu com a autora deste trabalho.

Figura 1 – História social criada pela autora

Fonte: Acervo da autora.



Adrian vai para Escola Ary Ribeiro



Na escola Ary Ribeiro tem o pátio..



o parque...




a horta...



A professora Sandra fica na sala e Saionara a auxilia





No entanto, em certa ocasião, uma das funcionárias da escola, em que seu filho Adrian estuda, relatou que ele havia encontrado uma pequena melancia plantada na horta e, na ocasião, tentou colhê-la, revelando que realmente apreciava a fruta.

Como Adrian não verbaliza, só foi possível saber da situação devido à informação da funcionária. E essa informação ajudou a compreender sua manifestação durante um momento em que a mãe lia a história social criada. Após finalizar a leitura, foi percebido que Adrian voltava as páginas do livreto até aquela em que estava a foto da horta e mantinha o olhar na direção dela alguns segundos.

Esta singela manifestação fez sentido devido à informação da funcionária da escola e revelou que a proposta havia atendido o seu objetivo, pois a criança reconhecia o espaço e se preparava para o momento. O breve relato revela que é preciso cuidado com o fato de subestimar a criança em sua inteligência, ou seja, não é porque a criança não fala, que ela não pensa, ou não atribuí sentido àquilo que está ao seu redor.

O exposto também revela que tão importante quanto acreditar no potencial da criança é acreditarmos que as propostas poderão contribuir para mediar os processos. A esse respeito, Nogueira e Mendes (2018) destacam a pesquisa do Departamento de Psiquiatria da University of Montreal/Canadá, coordenada pelo professor Laurent Mottron que revela que

“os recentes estudos desenvolvidos por eles apontam para a inteligência preservada mesmo em autistas não verbais, e vêm questionando

a orientação do vértice da análise das pesquisas sobre inteligência no TEA.” (p. 90)


Outro aspecto que o relato revela é a necessidade do diálogo entre escola e família. Afinal, só foi possível interpretar a manifestação de Adrian fixando o olhar na foto da horta porque a funcionária comunicou o ocorrido em outro dia. A situação relatada também aponta para a importância da imagem na construção da linguagem da criança.

A História Social aqui apresentada está voltada para o início da frequência da criança na nova escola, mas essa proposta também favorece outras novas situações, como, por exemplo, uma festa que acontecerá na escola, um passeio de ônibus para ir ao teatro, uma apresentação, entre outras.

3. Observação atenta nos primeiros dias e nos subsequentes

As informações que foram possíveis via questionário ou entrevista servirão como banco de dados para início do trabalho junto às crianças com TEA. No entanto, assim como toda e qualquer pessoa, as crianças também alteram seus interesses e






manifestações e, portanto, será necessária, por parte do professor, uma permanente observação, escuta atenta e sensível em relação à criança. Muitas reações, falas e comportamentos farão sentido em construção com o que a criança vivencia em outros espaços para além da escola. Por essa razão, o diálogo com a família deve ser frequente. No questionário também é solicitado o nome e contato dos profissionais que porventura trabalham com as crianças em outros espaços para atendimentos clínicos. Alguns desses profissionais podem ser acessíveis para um diálogo acerca do trabalho desenvolvido com a criança, o que ajudará na compreensão sobre o seu tratamento, mas principalmente sobre suas potencialidades para aprendizagem e conquista de autonomia em atividades diárias.

4. Propostas mediadoras com uso de imagem (quadros de rotina, preparação de materiais, sequência de ações e pranchas de comunicação)

No TEA, uma das funções afetadas é conhecida por função executiva que se refere ao “conjunto de condutas de pensamento que permite a utilização de estratégias adequadas para se alcançar um objetivo” (Belisário Filho e Cunha, 2010, p.17). Essa função é responsável pela capacidade de antecipar, planificar, flexibilizar pensamento e ação e, portanto, quando é afetada há a dificuldade em agir diante de situações novas visando ao alcance de objetivos.



Pelo exposto, as mudanças na rotina são desafios que causam desregulação na criança autista. Para mediar tais situações, os professores e a instituição escolar precisam contar com planejamento e programação diária, promovendo a previsibilidade, para que a criança reduza sua irritabilidade e sintam-se mais seguras. Para o alcance de mais segurança e menos irritabilidade para os estudantes com TEA, a instituição e seus professores precisam dedicar mais tempo na organização do tempo e espaço escolar por meio de intervenções educativas capazes de promover a aprendizagem e o desenvolvimento. Investir nessas questões pressupõe promover o protagonismo, a iniciativa e a autonomia dos estudantes. Nesse sentido, os professores podem disponibilizar materiais e ambientes que permitam aos estudantes uma melhor organização das suas ações, assim como fazer escolhas, criar e estabelecer parcerias voltadas ao alcance dos objetivos estabelecidos.

Para muitas crianças com TEA, o uso de quadros de rotina contribui com o sentimento de segurança e em alguns casos, controle da ansiedade, além de favorecer a comunicação entre professores e estudantes. No entanto, é preciso ter cuidado com as mudanças necessárias pelos imprevistos ou improvisos, pois, para algumas crianças, o combinado e definido no quadro de rotina não pode ser alterado, exceto se avisado e negociado com antecedência. Mas, vivenciar situações de mudanças imprevisíveis também constitui aprendizagens importantes para a vida diária.

Uma ação que considera todas as crianças da turma, incluindo as com TEA, é fazer a agenda de atividades do dia. Assim, no início

de cada aula, a professora pode fixar no canto do quadro, figuras que revelam a programação e escrever palavras correspondentes às imagens, ou solicitar que as próprias crianças sejam as escribas, proposta que colabora com o processo de alfabetização.

Na Figura 2, é possível notar que, próximo à mesa da criança, há um quadro de rotina (como a que pode ser afixada ao quadro e serve para toda a turma). Manter as imagens próximas ao campo de visão da criança favorece sua observação e busca sempre que for necessário, por exemplo apontando e pedindo o lanche ou para o uso do banheiro, o que revela que o material contribui também para comunicação com as pessoas.

Figura 2 – Criança em momento de atividade. Na parede aparecem as figuras usadas para representar a rotina das atividades do dia



Fonte: Acervo da autora.

As sequências visuais podem ser criadas para ajudar no processo de preparação e planejamento. Por exemplo, a criança apresenta dificuldade em preparar sua mesa para realizar as atividades de sala. E, nesse caso, a professora poderia abrir sua mochila, pegar seu material ou dar os comandos um a um para que ela iniciasse o trabalho. Para contribuir com a autonomia, pode realizar-se a sequência visual (Figura 3) que revela o passo a passo dessa organização. Na ocasião, quando a ficha com as imagens for entregue para a criança, esta preparará seu material com autonomia.


Figura 3 – Sequência de ações para início das atividades



Fonte: Acervo da autora.

O site SequenciaAAC¹, de acesso gratuito, permite a criação de sequências para várias finalidades, por exemplo o uso do banheiro,

1 Cf.: <https://sequenciaac.arasaac.org/>. Acesso em: 22 jun. 2024.



momentos de saída para brincar fora da sala e retorno, podendo usar as imagens disponíveis no mesmo. Mas, se for uma sequência de algo muito específico, pode ser com fotos como mostra a figura 3.

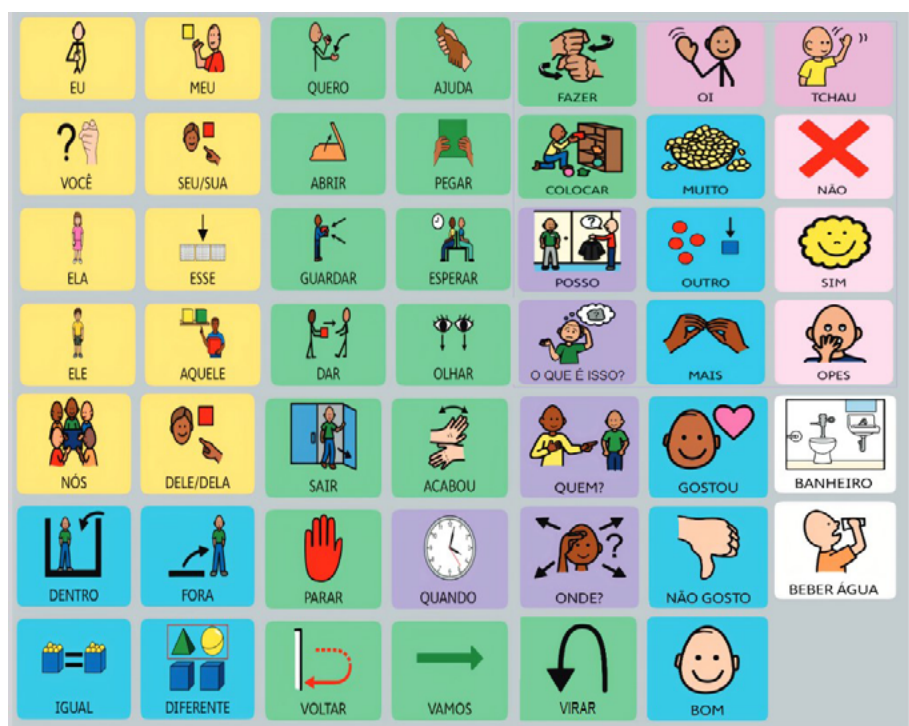
Outra sugestão é a produção de pranchas para uso na escola, conforme modelo da figura 4, podendo ser afixadas na parede da sala de aula ou na recepção, também sala da coordenação e ou direção. As pranchas servem para

“o usuário apontar o signo para seu interlocutor, que vai repetindo verbalmente o que compreendeu, para em seguida, lhe responder. O uso da prancha envolve a interpretação dos sentidos compreendidos pelo interlocutor” (Reily, 2012, p. 76).

A seguir consta um modelo de prancha (Figura 4) que pode ser composto atendendo a especificidade da criança ou espaço em que a prancha ficará disponibilizada.


Conforme observa-se na figura 04, os signos pictográficos têm legenda abaixo da imagem, o que favorece também a leitura da palavra e não apenas a identificação dos desenhos. As pranchas podem ser elaboradas considerando a classificação dos espaços e o que comumente aparece no repertório de interesse ou de atividades que a criança realiza.

Figura 4 – A prancha fotografada foi criada no software TDSnap



Fonte: Acervo da autora.

A respeito do uso destes recursos, assim como a CAA, Ferreira (2018) assevera que “há metodologias de comunicação alternativa e/ou suplementar, específicas para dar suporte ou substituírem a fala. Elas devem ser implementadas por um especialista, como fonoaudiólogo e utilizadas em todos os ambientes em que há interação com a criança, incluindo a escola” (p. 236). Nesse sentido, é interessante a busca por cursos de formação que orientem o processo



de implementação de CAA, isto é, da Comunicação Alternativa e Aumentativa na escola.

No que se refere aos receios quanto ao uso desta comunicação, no tocante ao sentido ou distanciamento da possibilidade de a criança desenvolver a fala, Ferreira (2018) esclarece que esta comunicação “não impede ou atrapalha a fala, pois, quando estimulamos a comunicação, seja de forma alternativa ou convencional, estamos estimulando a linguagem, e isso só contribui para o possível surgimento da fala” (p. 237).

As sugestões apresentadas revelam que a imagem tem potencial para a comunicação com as crianças que estão no espectro e, por esse motivo, sempre que for possível para o professor, esse recurso visual poderá ajudar no alcance de objetivos educacionais. Por exemplo, ao explicar o ciclo da chuva, é importante usar imagens enquanto são apresentados os conceitos ou fluxogramas com palavras e imagens. Esse recurso pedagógico contribui para toda e qualquer criança que tem no visual, um apoio para o pensamento e elaboração de conceitos. Assim, as fotos e imagens apresentadas mostram que a organização da rotina, contendo as atividades que acontecerão, ou o passo a passo para a organização de material, contribuem para que as crianças se organizem mentalmente, direcionem suas ações e consigam desenvolver propostas com autonomia.

É importante investir em toda e qualquer ação que possa melhorar as possibilidades de comunicação entre os sujeitos na escola, em especial no que se refere às crianças com TEA. Afinal, quando há ineficácia nesse processo, pode-se provocar


“grande angústia, tanto no sujeito que não consegue se expressar, como naquele que faz o papel de interlocutor, gerando com frequência, diversas reações no indivíduo que tem dificuldade, dentre as quais autoagressividade, agressividade com o outro e comportamentos inadequados” (Ferreira, 2018, p.242).

Sugere-se ainda o uso de aplicativos que poderão contribuir para a comunicação, por exemplo o Matraquinha que é um aplicativo de comunicação alternativa para que autistas possam transmitir desejos, emoções e necessidades. Seu funcionamento é feito através de cartões e que, ao serem clicados, fazem com que uma voz reproduza o que desejam transmitir. Outra sugestão é explorar o conteúdo disponível no site Galileu Galilei e Arasaac.

5. **Proposições para a turma que recebe a criança com TEA (rodas de conversa e bibliografia sobre a temática voltada ao público infantil)**

É comum que os estudantes que convivem com as crianças com TEA na escola, apresentem curiosidades a respeito das manifestações desse colega, que pode ter maneiras diferentes de agir, de sentir e de pensar. Nessa direção, é por meio





da observação sobre tais curiosidades e dúvidas apresentadas que o professor poderá mediar propostas que ajudem a turma a compreender mais sobre as questões que envolvem o TEA e, junto à compreensão, acredita-se que são construídas relações de valorização e respeito à diversidade.

Para as crianças que tentam estabelecer a amizade com um coleguinha com TEA em geral, é difícil entender por que esse colega não corresponde às suas tentativas de interação. Afinal, na interação existe reciprocidade e de modo geral, é difícil se manter insistente com um colega que não dá atenção ao interlocutor como desejado. Dito de outra forma, a criança com TEA precisa de colegas insistentes na interação e acredita-se que a informação poderá manter o interesse.

Uma proposta de atividade para realizar com a turma, é desenvolver roda de conversas para realizar um levantamento sobre as dúvidas que as crianças têm, e dependendo das questões sinalizadas, realizar um estudo ou projeto de trabalho para aprender mais sobre o assunto. A família e os profissionais que atendem a criança fora da escola, podem ser convidados para entrevistas na sala de aula.

Há um acervo literário interessante que também pode ser disponibilizado para ampliar o conhecimento sobre a temática. A seguir, apresentam-se algumas dessas bibliografias com um breve resumo.



MEU AMIGO FAZ IIIII | Andréa Werner

Ilustração: Kelli Valeni
Editora: Pingue Pongue Educação,
1. ed. (30 de setembro de 2023)

A publicação traz a história de dois amigos de escola: Bia e Nil. A menina começa a perceber que o colega tem um comportamento diferente do seu em algumas situações e é orientada pela professora a observá-lo, para compreender a diversidade como algo natural e positivo. Afinal, mesmo sendo diferentes um do outro, eles podem se divertir juntos.



UM LIVRO DIFERENTE | Anita Brito

Editora: NBS Consultoria

Trata-se de um livro que aborda a inclusão escolar desde os primeiros anos. A produção conta com historinhas e rimas, para ajudar a criança a entender e lidar com as diferenças.



MUNDO AZUL | Romilda Ferreira

Ilustração: Marcella Andrade
Editora: Kelps, 1. ed. (2018)

O livro conta a história do Maurício com a música e sua musicoterapeuta Kelly Tobias. É possível fazer o download grátis em: [@romildaferreirarosa](https://www.instagram.com/romildaferreirarosa)



HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA

Contam com a presença do personagem André (personagem autista)

As publicações de Maurício de Sousa, em especial as que contam com o personagem André, o personagem com TEA da Turma da Mônica, são boas oportunidades para abordar a temática com o público infantil. Em cada edição da Revista Autismo há a publicação de uma história que conta com a presença do personagem. Para conferir as publicações basta dar uma olhada no site: <https://www.institutomauriciodesousa.org.br/fazendo-a-diferenca/publicacoes/um-amiguinho-diferente/>



AS PALAVRAS DE NINA

Direitos autorais: © All Rights Reserved

O documento é um livro infantil que conta a história de Nina, uma menina que não consegue falar. Seu presente de aniversário é um tablet com figuras de palavras que ela pode usar para se comunicar. Isso a ajuda a conversar com amigos na escola e se expressar melhor. A história poderá ajudar os colegas de crianças que usam a comunicação alternativa, tenham melhor compreensão desse contexto. O livro pode ser acessado no formato PDF, TXT ou sua leitura poderá ser online no Scribd pelo link: <https://pt.scribd.com/document/692973659/As-Palavras-de-Nina>

6. **As vivências sensoriais**

As questões sensoriais merecem a atenção dos professores que trabalham com crianças com TEA, visto que são aspectos que podem limitar o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem desse público na escola. É importante lembrar que a forma como interagimos com o ambiente ao nosso redor se dá pelas percepções sensoriais e quando estas não estão a favor das crianças com TEA podem desencadear situações de crise, com comportamentos disruptivos em resposta às dificuldades de como o interpretam essas questões.

Sugere-se que as respostas dadas ao questionário e/ou entrevista sejam orientadoras de possíveis ações que estejam a favor da inclusão das crianças. Importa saber que, se a criança tem um objeto de apego, ou seja, um objeto que ela gosta de recorrer quando está nervosa, o mesmo pode estar guardado em um ambiente de fácil acesso, para que se necessário, a criança possa utilizá-lo. Caso a presença constante do objeto dificulte a interação da criança com as demais ou o desenvolvimento de suas atividades, é importante que, gradativamente, sejam negociados momentos para seu uso.






Devido à dificuldade em interagir com as pessoas, é comum que as crianças autistas façam pouco contato visual. No entanto, há situações em que o contato visual será imprescindível, como, por exemplo, ao reconhecer expressões, interpretar comportamentos de outras pessoas.

Contudo, é preciso cautela, pois simplesmente forçar a criança a manter esse contato, não resolverá a questão. Ferreira (2018) concorda que o contato ocular é forma de comunicação não verbal e que “deve ser exigido, independentemente do meio de comunicação utilizado pela criança (verbal, vocal ou gestual)” p. 229. Como sugestão, pode-se considerar as habilidades da criança, assim como seu interesse, e incentivá-la nos momentos em que fizer o contato visual. Em alguns jogos, essa ação também pode ser incluída e valorizada. Caso a criança goste de algum objeto ou queira pegá-lo, o professor pode aproximar o objeto de seus próprios olhos e, após a criança manter o contato visual por algum tempo, entregar-lhe o objeto desejado. Gradualmente, pode-se ampliar esse tempo de manutenção do contato visual, vale ressaltar que, em situações reais de interação no contexto da instituição.

Considerando a Teoria da Mente, Barbosa e Andrade (2018) apresentam uma dificuldade relacionada ao baixo contato ocular e sugerem uma intervenção que será, na íntegra, apresentada a seguir:



Dificuldade: assistir a aula olhando para a professora. Uma característica muito comum no TEA é a dificuldade em realizar e manter contato visual, além disso, muitas crianças aprendem melhor através de recursos visuais do que ouvindo uma explicação. Nesse caso, Pedro não estava olhando para a professora porque ele tem dificuldade em processar informações visuais e auditivas ao mesmo tempo. Dessa forma, quando ele olha para outro lugar (com menos estímulos) facilita a compreensão das informações auditivas que estavam sendo passadas pela professora, já que ele apresenta mais dificuldade para processar tais informações.

Intervenção: Neste caso seria interessante a professora utilizar mais recursos visuais e intercalar a apresentação de estímulos visuais e auditivos, dando um tempo, por exemplo, para a criança olhar um esquema descrito no quadro para depois explicá-lo verbalmente. Além disso, é importante que a professora ajude Pedro a deduzir o que ela pensava enquanto ele não olhava para ela durante a aula (por exemplo: “o Pedro não está prestando atenção”). Por fim, a professora pode dizer a ele que agora que ela o conhece melhor, ela mudou de pensamento; agora ela sabe que Pedro geralmente está prestando atenção mesmo sem olhar para ela. Isto é importante, pois dá à criança um exemplo de que podemos mudar de ideia, que o pensamento pode ser flexível. (p. 126).

Um exemplo de manifestações comuns na criança com TEA são os movimentos repetitivos que colaboram para seu processo de autorregulação, e, exceto nos casos em que tal movimento ofereça risco à criança ou às demais pessoas, é importante garantir sua livre expressão. O professor pode observar em quais circunstâncias a criança realiza mais o movimento e, assim, mediar os momentos de maior ansiedade, agitação e, se necessário, oferecer recursos que




ajudam nesse processo. Há crianças que precisam, por exemplo, dar pulinhos, correr, balançar o corpo ou simplesmente andar um pouco. Se possível, a escola pode disponibilizar um espaço físico com alguns materiais que ajudem na autorregulação. Entre alguns recursos que podem compor esse espaço, sugerem-se a bola de pilates, um jump, um pequeno balanço, uma rede, um colchonete, algumas almofadas, objetos massageadores, por exemplo, luvas, bolas, se possível, manta ponderada, entre outros.

Ainda no que se refere às propostas que colaboram para a autorregulação, indica-se o potencial da música. Para que esse potencial seja valorizado, importa saber o repertório musical da criança e da família, assim como apresentar outros gêneros e estilos musicais, em especial aquelas que acalmam a criança.

No caso de a criança frequentar uma instituição de tempo integral, é necessária uma atenção maior à sua alimentação, visto que não é aconselhável que ela fique na instituição em períodos prolongados sem se alimentar. Para situações assim, é importante resguardar os casos com seletividade alimentar e portanto, importa saber o que, ou como é a maneira restrita em que a criança aceita os alimentos.

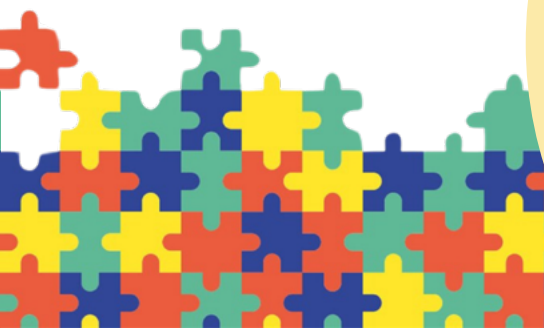
No que se refere às crianças com busca sensorial gustativa, é importante que, em diálogo com a família, possam ser oferecidos



objetos que ajudem a reduzir ocasiões em que a criança leve objetos inadequados à boca ou recorra à recursos como brincar com saliva, regurgitar entre outras situações. Nesses casos, com anuência da família, pode-se oferecer mordedores apropriados que direcionam tais buscas sensoriais.

Uma questão muito frequente às crianças com TEA é o distúrbio do sono. E, para esses casos, podemos perguntar: “o que isso interessa à escola, se no horário geralmente indicado como hora de dormir a criança estará em casa?” No entanto, nas noites em que a criança estiver com desajustes no sono, nos dias subsequentes, ela poderá mudar seu comportamento na instituição de maneiras muito diversas, podendo ficar mais irritada, com menos atenção, agressiva ou até apática. Será necessário um diálogo diário com a família para comunicados desta natureza, evitando incompreensões a respeito das manifestações da criança.

No que se refere às respostas ao questionário/entrevista é importante igual atenção às crianças que apresentam buscas por cheiros e aromas, assim como irritabilidade ao perceber alguns barulhos ou sons. Reconhecer essas especificidades ajuda a se decidir por alguns recursos ou simplesmente por algumas possibilidades para interpretar comportamentos que a criança não consegue verbalizar. Há casos em que crianças preferem ficar em



alguns espaços porque estão à procura de um aroma que gostam, ou querem reduzir barulhos que lhes causam desconfortos. Para as situações de desconforto com sons e barulhos pode-se recorrer, com anuência da família, ao uso de abafadores de ruídos, como exemplo ver figura 5.

Figura 5 – Abafador de ruídos



Fonte: Imagem disponível em: <https://distribuidoralopes.com.br/produto/33488/abafador-de-ruídos-1426-18-decibéis-3m>. Acesso em 22 nov.2024.

Outra orientação é criar uma caixinha com objetos sensoriais que ajudam no processo de autorregulação das crianças com TEA, além dos objetos presentes na figura 6, podemos incluir a massa de modelagem, a areia cinética e argila. O que definirá qual o recurso mais indicado é novamente conhecer as especificidades de cada criança.

Figura 6 – Imagem de objetos sensoriais



Fonte: Link de acesso: <https://images.app.goo.gl/1B8zeiFtt9vXAhBk9>.

7.

Mediações acerca da interação da criança com TEA e os demais sujeitos da escola

Em contato com alguns professores que trabalham com crianças com TEA, é recorrente ouvir a seguinte frase: “Meu aluno interage melhor comigo do que com os colegas”. No entanto, há situações nas quais a criança mostra predileção por um colega e não interage com os demais. Em ambos exemplos, será necessária a intervenção pedagógica do professor para que a criança amplie seu repertório de interações e nesse caso, os sujeitos que já conseguiram a confiança da criança com TEA, poderá contribuir bastante, convidando-a para brincadeiras, parcerias ou trabalhos em que possam colaborar cada um a sua maneira.



8.

Para a elaboração de conhecimentos científicos considerar o interesse, o motivo e as aprendizagens prévias

Não será possível, neste trabalho, oferecer orientações para cada conteúdo ou objetivos específicos previstos para todo o curso do Ensino Fundamental. No entanto, apresentaremos dois relatos que revelam que caberá ao professor, pelo conhecimento que tem acerca dos interesses, motivos e aprendizagens da criança com TEA, propor situações didáticas que possam incluir tais crianças no contexto, além de garantir sua participação e aprendizagem.

O **relato 1** apresenta a situação em que uma professora, junto ao cuidador, criou um 'barril do Chaves' na sala de aula, para incentivar um aluno com autismo, no Ceará. O estudante do 3º ano do



ensino fundamental apresentava hiperfoco na série mexicana, o que permitiu que, a docente pensasse nesta estratégia, já que ele resistia à permanência na sala.²

2 Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/educacao/noticia/2023/03/03/professora-cria-barril-do-chaves-na-sala-de-aula-para-incentivar-aluno-com-autismo-no-ceara.ghtml>.

No **relato 2**, a professora criou uma máquina de lavar roupas feita de papelão para atrair o foco de um aluno de 7 anos com TEA, em Araçu, na região noroeste de Goiás. A decisão de fazer o brinquedo ocorreu depois de a docente perceber que a criança sempre perguntava sobre o assunto. Assim, ela passou a elaborar atividades



para atrair a atenção do aluno com a chamada "máquina da sabedoria" e desta maneira, a criança conseguiu ter melhor interação, além de se envolver em situações de aprendizagens sobre números (quantidade

de roupas que eram colocadas na máquina), cores das roupas, entre outros aspectos que fizeram parte do plano pedagógico individualizado elaborado para o estudante³.

3 Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2024/04/20/professora-usa-papelao-para-criar-maquina-de-lavar-e-atrair-aluno-autista-durante-aulas.ghtml>.

PARA NÃO FINALIZAR...

Os estudos que envolvem o TEA é um universo exigente. Pela própria amplitude da temática, pode-se crer que essas poucas páginas não responderão todas as questões que emergem no trabalho do professor na escola. No entanto, espera-se que, as proposições apresentadas possam servir para compreensão de algumas situações e ou contribuir com os próximos passos rumo à caminhada para inclusão da criança com TEA na escola.

Caso queira ler mais sobre o assunto, pode-se recorrer à dissertação da autora com o mesmo título do trabalho aqui apresentado ou, se deseja compartilhar suas vivências, entre em contato com a autora pelo e-mail:

nilma.santos@ueg.br





REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais** – DSM 5. Tradução de Maria Inês Correa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014. Disponível em: <http://c026204.cdn.sapo.io/1/c026204/cldfile/1426522730/6d77c9965e17b15/b37dfc58aad8cd477904b9bb2ba8a75b/obaudoeeducador/2015/DSM%20V.pdf>. Acesso em: 21 maio 2016.

BARBOSA, D. C. B. P; ANDRADE, A. A. Teoria da mente no contexto escolar: estratégias de intervenção. In: BORGES, A. A. P.; NOGUEIRA, M.L.M (orgs.) **O aluno com autismo na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2018. pp.111-136.

BELISÁRIO FILHO, J. F.; CUNHA, P. A **Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar Transtornos Globais do Desenvolvimento**. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial ; [Fortaleza] : Universidade Federal do Ceará, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7120-fasciculo-9-pdf&category_slug=novembro-2010-pdf&Itemid=30192.

FERREIRA, P. R. A comunicação da criança com transtorno do espectro autista (TEA) no ambiente escolar. In: BORGES, A. A. P.; NOGUEIRA, M.L.M (orgs.) **O aluno com autismo na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2018. pp.227-246.

KANNER, Leo.(1943 [1997])0. Os distúrbios autísticos do contato afetivo. In: ROCHA, Paulina Schmidtbauer (org). **Autismos**. São Paulo; Escuta, pp.111-170.

LAZZARINI, F.S.; ELIAS, N.C. História social e autismo: uma revisão de literatura. In: **Revista Brasileira de Educação Especial**. Corumbá, v.28, n.17, p.349-364, 2022.

SOBRE A AUTORA



Nilma Fernandes do Amaral Santos

é professora e mãe do Nicolás e do Adrian. Dedicar-se ao estudo sobre o Transtorno do Espectro Autista desde o diagnóstico de Adrian em 2019. Ela vê nessa oportunidade, uma maneira melhor de conhecer seu filho, poder ajudá-lo no que for possível e também contribuir com as pessoas que tem interesse na temática.

SOBRE O ORIENTADOR



Klaus Schlünzen Junior

Professor. Doutor em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas, titular do Departamento de Estatística, do programa de Pós-graduação em Educação da FCT/Unesp, coordenador geral do Programa de Mestrado Profissional em rede em Educação Inclusiva (PROFEI), coordenador do Centro de Promoção para a Inclusão Digital, Escolar e Soci-al (CPIDES).

